



IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

De Patrão para Patroa: notas etnográficas sobre mulheres na gestão de Centros Tradicionais

Gaúchos

Amanda Pires, Grupo de Estudos Socioculturais (GESEF/UFRGS)

amandapyress@hotmail.com

Ariane Pacheco, Grupo de Estudos Socioculturais (GESEF/UFRGS)

arianepacheco@gmail.com

Marco Paulo Stigger, Grupo de Estudos Socioculturais (GESEF/UFRGS)

stigger.mp@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa etnográfica, realizada durante os meses de outubro de 2017 a abril de 2018, no circuito de rodeios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Nosso objetivo está na direção de compreender o espaço das mulheres na gestão de Centros Tradicionais Gaúchos, entidades criadas por e para homens.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher, Centro de Tradições Gaúchas, Patrão.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre as gestões dos Centros de Tradições Gaúchas (CTG) no Rio Grande do Sul. Os CTGs que surgiram com o propósito de reunir apenas homens para cultivar as tradições das cidades do interior do Estado, tinham suas gestões realizadas por homens, mas hoje esta realidade vem se modificando.

Inicialmente, conforme destaca Dutra (2002), a presença feminina não havia sido idealizada primeiros passos para a criação do movimento tradicionalista.. Assim, a formação do Movimento, não contava com a participação de mulheres, as primeiras reuniões, que aconteceram após as comemorações de 20 de setembro de 1947, ocorreram apenas com a participação de homens.

Segundo Cunha e Karawejczyk (2014), seria no ano de 1949, dois anos após a fundação do primeiro CTG, o 35, que começou a se pensar sobre a ausência das mulheres dentro da entidade tradicionalista. Porém, foi somente com a criação da primeira invernada de danças tradicionalistas que mulheres efetivamente passaram a ter permissão e a participar do CTG,



IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

exclusivamente as que eram irmãs, namoradas, esposas dos homens que já frequentavam as entidades.

Existiam características que eram relacionadas a figura da mulher e a do homem e estas eram de certa forma ‘responsáveis’ por destinar atividades a ambos. Becker (2010, p. 5) afirma que “o tradicionalismo no Rio Grande do Sul, desde a sua fundação até os dias atuais, distribuiu de forma hierárquica os lugares destinados à mulher e ao homem dentro das práticas tradicionalistas, vividas nos CTG’s”. Destinado as mulheres as atividades que seriam consideradas menos valorizadas, como as atividades domésticas e “culturais”, sendo esta última as danças, os artesanatos e a culinária. O que seria inimaginável durante a criação do CTG no ano de 1947 é que este pudesse em algum momento ter como Patrão¹ uma mulher.

Durante o trabalho de campo, que está sendo realizado no circuito de rodeios do Litoral Norte Gaúcho, a situação de nos depararmos com ‘uma mulher’ no lugar de Patroa chamou nossa atenção e se mostra como algo relativamente recente nos CTGs. Foram os questionamentos gerados a partir desse estranhamento que nos levaram a produzir esse recorte da pesquisa, cujo objetivo está na direção de compreender como as mulheres vem ocupando diferentes ‘lugares’ nos CTGs, sendo este um contexto/universo comandado em sua maioria por homens?

2 METODOLOGIA

A pesquisa realizada trata-se de uma etnografia, que segundo Angrosino:

Etnografia significa literalmente a descrição de um povo. É importante entender que a etnografia lida com gente no sentido coletivo da palavra, e não com indivíduos. Assim sendo é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados duradouros, que podem ser chamados de comunidade ou sociedade. (ANGROSINO, 2009, p.16)

A etnografia se baseia no estudo das culturas, tendo como características o olhar e escutar, bem como a importância do afastamento da cultura do pesquisador para que ele estabeleça melhor na cultura estudada. A etnografia nos possibilita encontrarmos com diversos

¹ Patrão é a denominação dada a pessoa que é escolhida entre os sócios de um CTG, para administrá-lo durante um determinado período.



IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

contextos, muitas vezes diferentes do que estamos acostumados, nos possibilitando observar outras culturas, outros costumes e modos de agir.

As informações produzidas para esta pesquisa deram-se através da observação participante, que trata da inserção do pesquisador dentro da comunidade a ser pesquisada, realizadas no circuito de Rodeios Crioulos do Litoral Norte Gaúcho, entre os meses de outubro a abril. Começamos a pesquisa no rodeio da cidade de Imbé e após passamos por Capivari do Sul, Passinhos (Osório) e Xangri-lá.

A entrada no campo inicialmente pareceu ser fácil, estávamos acompanhados de um informante privilegiado, um homem que compete a alguns anos nas provas de tiro de laço dos rodeios crioulos e por ter um bom desempenho e se destacar era conhecido por muitos no circuito do Litoral Norte. Entretanto, após a primeira ida a campo notou-se que a presença deste informante seria essencial para que nós pudéssemos circular entre os participantes homens.

Assim, nas outras idas a campo sempre estivemos acompanhadas deste informante que, além de conhecer muito sobre regras e funcionamento destes eventos, ajudava-nos a circular entre os outros competidores.

O instrumento para registrar os dados produzidos em campo foi o diário de campo, que inicialmente eu o carregava aos rodeios, mas como percebemos que chamava a atenção das pessoas que circulavam por aquele espaço, resolvemos deixá-lo e ir anotando coisas que me chamavam a atenção no telefone celular, algo que é comum as pessoas nos rodeios e que não causava estranhamento, diferente de um caderno.

Em uma das idas a campo me deparei com uma patroa de um Piquete de Laçadores², que era responsável por organizar aquele evento em si. Após esse encontro, entrei em contato com ela, através das redes sociais para a realização de uma entrevista. Os dados produzidos durante as observações e a entrevista foram essenciais para que pudéssemos chegar a alguns resultados que serão apresentados abaixo e também para que surgissem outros questionamentos, dúvidas e estranhamentos com esse campo.

² Os piquetes de laçadores são uma espécie de clube que cultiva as tradições gaúchas, onde qualquer pessoa pode se associar.



IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

3 DE PATRÃO PARA PATROA: HISTÓRIA, ESTATUTOS E GESTÃO COM AS MULHERES.

O patrão deve ter visão e ser organizado, não precisa ser formado em Administração, mas ele será o administrador da entidade. Lembre-se que a pessoa desorganizada e desregrada particularmente como chefe de família, no CTG não será diferente, daí o cuidado na indicação ou escolha. Deve ser ético, responsável e ter amor ao trabalho. (CIRNE, 2007, p. 13).

Cirne (2006), foi responsável por escrever o manual “Ser Patrão e administração de um CTG”, assim como estes atributos ao cargo da patronagem extraídos do texto, o autor descreve que é fundamental conhecer um pouco da história do Tradicionalismo gaúcho e a sua filosofia para poder estar neste cargo.

Mesmo os CTGs tendo a sua estrutura nos moldes do passado, ele precisou acompanhar as modificações do cenário mundial, o que lhe trouxe algumas mudanças desde a sua criação, dentre elas a participação das mulheres tanto em atividades como gestão destas instituições.

Os idealizadores do primeiro CTG também foram responsáveis por criar nomes as determinadas funções existentes no CTG. O nome Patrão foi inventado para se referir aquele que estivesse à frente da entidade, de acordo com Cunha e Karawejczyk (2014) a mulher que estivesse a frente deste cargo seria chamada de “a patroa”,

[...] a denominação “patroa” foi reconhecida no Regulamento Geral do Movimento Tradicionalista Gaúcho, somente em 2008, durante a 73ª Convenção Tradicionalista Gaúcha, quando foi determinado que a mulher, ao tornar-se dirigente máximo de entidade tradicionalista, receberia essa denominação. Até então, a mulher eleita como patroa era chamada de “a patrão”. O substantivo patroa era atribuído somente às esposas dos patrões (CUNHA; KARAWEJCZYK, 2014, p. 204).

A preocupação de pensar na mulher dentro destes espaços ainda é muito recente, conforme a citação anterior foi somente no ano de 2008 que se estabeleceu o termo para a mulher que estivesse à frente de um CTG. Em uma das observações realizadas durante um rodeio, nos deparamos pela primeira vez com uma mulher que estava no cargo de Patrão e também como responsável por organizar o evento, isso no ano de 2017.

Em determinado momento o laço³ parou, pois iria começar a abertura oficial do evento, foi chamado para o meio da cancha os laçadores que estavam lá, em sua maioria homens, alguns políticos, que deram seu discurso como sempre e a patroa do

³ Prova campeira que acontece dentro dos rodeios, onde o laçador tem o espaço de 100 metros para laçar pelas guampas um novilho que tenta fugir.



IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

piquete que estava organizando o evento. Foi a primeira vez desde que iniciei a pesquisa de campo que vi uma mulher como Patroa de uma entidade e também à frente da organização de um rodeio. (Diário de campo, 03/02/2018)

A participação da mulher dentro destes espaços já vem acontecendo a algum tempo, mas existem algumas situações que ainda são muito recentes, uma delas seria uma mulher estar à frente de um CTG e a outra seria fazer parte da organização de um rodeio. De acordo com os diários de campo, essas situações não são comuns e durante a pesquisa aquela foi a primeira e única vez que se encontrou determinada situação.

Ao realizarmos a entrevista com a patroa, ela nos relatou que a entrada na entidade na qual ela está à frente da gestão aconteceu no ano de 2010, mas antes ela já havia feito parte de outra. Após a sua entrada ela nos informa que sempre participou da organização de eventos, da comissão na parte financeira e da prestação de contas, afirma que essas experiências foram fundamentais para estar no cargo hoje de patroa:

Em março de 2017, com o final da antiga gestão, fui indicada a assumir o cargo pelos próprios sócios e pelo patrão que estava deixando o cargo. Me indicaram a patronagem em reconhecimento ao trabalho que eu vinha desempenhando junto a entidade, mesmo antes de ser associada. Fiquei surpresa, pois tive a indicação deles para assumir o cargo.

De acordo com esta patroa a sua indicação para o cargo se deu pelo trabalho que ela já vinha realizando na entidade na qual ela era sócia, teve um reconhecimento por parte dos outros sócios, mas em outro momento da entrevista ela descreve que em outros lugares, como em reuniões que acontecem com outros patrões nem sempre foi assim “inicialmente notei um certo preconceito vindo dos outros patrões, achavam que eu não sabia nada da parte campeira⁴”. Mas de acordo com ela hoje esta situação vem se modificando.

As mulheres vêm batalhando por um espaço dentro da cultura gaúcha e cada vez mais estamos nos deparando com elas em diferentes situações dentro deste contexto dos CTGs. No entanto, para estar presente ainda é preciso mostrar que são capazes, como no caso da patroa entrevistada, que depois de anos fazendo parte de uma entidade tradicionalista e ocupando diferentes cargos foi indicada ao cargo de ‘patrão’. O que vemos hoje são mulheres se empenhando para ocupar diferentes lugares dentro dos CTGs, deixando de serem apenas a prenda que acompanha o gaúcho.

⁴ Onde acontecem as competições que envolvem animais nos rodeios.



IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O tradicionalismo gaúcho foi criado por homens, tendo a sua finalidade de reuni-los para que estes pudessem cultivar as tradições do Rio Grande do Sul, seria um contexto então demarcado apenas por homens. Porém, isso vem se modificando, a mulher vem entrando nesse espaço que antes era o de homens e ocupando diversos lugares, principalmente o de patroa, não como a mulher de patrão, mas sim a frente da gestão de uma entidade. Cabe destacar que ser a Patroa não é somente gerir (ou atestar a capacidade de gerir), mas ocupar um lugar simbólico na formação e reformulação da tradição gaúcha e na própria constituição dessas mesmas mulheres.

De Patrono para Patroa: notas etnográficas sobre mujeres en la gestión de Centros
Tradicionales Gauchos

RESUMEN

El presente trabajo presenta un recorte de una encuesta etnográfica, realizada durante los meses de octubre de 2017 a abril de 2018, en el circuito de rodeos del Litoral Norte de Rio Grande do Sul. Nuestro objetivo está en la dirección de comprender el espacio de las mujeres en la gestión de Centros Tradicionales Gauchos, entidades creadas por y para hombres.

PALABRAS CLAVE: Mujer, Centro de Tradiciones Gauchas, patrono.

From employer to employer: ethnographic notes on women in the management of Traditional
Centers Gauchos

ABSTRACT

The present work presents a review of an ethnographic research, carried out during the months of October 2017 to April 2018, in the rodeo circuit of the North Coast of Rio Grande do Sul. Our objective is in the direction of understanding the space of women in the management of Traditional Gaucho Centers, entities created by and for men.

KEYWORDS: Woman, Center for Traditions Gaúchas, boss.



IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

5 REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BECKER, Gabriela Liedtke. **Representações de Gênero no Tradicionalismo Gaúcho**. Trabalho apresentado no IV Diálogos do PET, Universidade Federal do Paraná, 2010.

CIRNE, Paulo Roberto de Fraga. **Ser patrão e administração de CTG**. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), 2007.

CUNHA, Lília Sabrina, KARAWEJCZYK, Tamara Cecilia. **Mulheres na gestão de ctg's: o perfil das patroas no Rio Grande do Sul**. Salvador BA: UCSal, 8 a 10 de outubro de 2014, ISSN 2316-266X, n.3, v. 8, p. 195-21.

DUTRA, C. P. A prenda no imaginário tradicionalista. 2002. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.